

Contos vencedores e menções honrosas

2023

Título


Contos vencedores e menções honrosas – Contos do Dia Mundial da Língua Portuguesa 2023


Editora

Porto Editora, em colaboração com o Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, I.P. e o Plano Nacional de Leitura

Porto Editora

Departamento Internacional

 Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto, Portugal

 Tel.: (+351) 226 088 314
Fax: (+351) 226 088 315

 depinternacional@portoeditora.pt

Contos vencedores e menções honrosas

2023

Vencedores

***Terra-Mãe*..... 8**

Maud Serruys

***A fumaça cósmica* 16**

Chloé Blanchet

***Sozinho no planeta* 20**

Julija Garcia da Silva

***Memória perdida* 25**

Adara Vassalo Márquez

***Contrabando de histórias*..... 29**

Patrícia Villasante Sánchez

***Lume da mudança* 33**

Vlada Druzd

Menções honrosas

<i>As almas da Natureza</i>	40
Jorge Claudio Picard	
<i>100 anos de memória...</i>	46
Ana Méndez Arias	
<i>Num mundo melhor</i>	52
Laura Figueira da Silva	
<i>Um sonho</i>	55
Rohan Franklin	
<i>Quatro amigos</i>	63
Mihaela Dorbic	
<i>Um dia chuvoso em Tomar</i>	66
Guillermo Moisés Palanco Puga	
<i>Crónica do colóquio entre um camaleão (chamado alma) e uma mantis-religiosa (chamada corpo) sucedido há pouco pela publicação dum livro. Moderou o colóquio uma pedra</i>	72
Ada Bertelsen Román	
<i>Os contos de uma cadeira de família</i>	78
Maria Martínez Torrado	

Vencedores



Categoria: Infantil-Juvenil A1-A2

Autora: Maud Serruys, França

Terra-Mãe

Numa pequena aldeia no coração do Brasil, um dia aparentemente comum estava prestes a começar.

Este dia ia ser inteiramente dedicado à preparação da festa mais importante do ano na aldeia, a “Caça ao Tesouro”. Esta tradição, iniciada em 1501, realizava-se sempre no dia 13 de agosto à noite. Neste ano de 1921, íamos comemorar os 420 anos da “Caça ao Tesouro”. A regra era simples. Uma hora antes do início da festa, o xamã ia sozinho esconder o tesouro da sua tribo; depois deixava muitas pistas espalhadas por toda a parte e dava o sinal de início para a “Caça ao Tesouro”. Aquele que superasse todos os obstáculos mais rápido e trouxesse o tesouro de volta seria coroado o melhor guerreiro da tribo nesse ano. Tiago, um menino que podia correr tão rápido quanto o vento, achava que sabia onde se encontrava o tesouro. Ele tinha descoberto todas as pistas que tinham sido colocadas pelo xamã e tinha também assinalado o local no mapa.

Correndo entre as árvores e sentindo algumas folhas e galhos a partir sob os seus pés, rumava para a aventura da sua vida. Quando finalmente chegou ao ponto assinalado no mapa, depois de muitos e dolorosos esforços, conseguiu finalmente desenterrar o tão desejado tesouro que estava escondido debaixo da lama.

Qual não foi o seu espanto quando se apercebeu de que não era nada do que imaginava. Ele descobriu um estranho cilindro cinzento muito pesado. Será que ele se tinha enganado no lugar? Olhou para o seu mapa e gemeu de desagrado: tinha segurado o mapa ao contrário durante todo o percurso! Desapontado, levantou-se em suspiros. Com o estranho cilindro nos seus braços, correu até à sua aldeia, onde decidiu entregá-lo ao xamã.

Este último tocou no metal frio e liso e apertou-o contra o seu peito. Com um olhar intrigado e sinistro, ele fitou o menino: “Tiago, meu filho, onde você achou isso?” O menino, acanhado, fez um breve relato da sua expedição. “Foi a leste, debaixo do nosso grande Pau-Brasa,” respondeu ele. O xamã suspirou e abriu o cilindro. Os seus olhos arregalaram-se: dentro da cápsula encontravam-se dois envelopes. Havia um no qual estava escrito o número um e outro com o número dois. O xamã, o único da aldeia que sabia ler, abriu o primeiro envelope que parecia conter uma carta. Ele inspirou profundamente e começou a ler em voz alta.

Tiago escutava atentamente.

“Olá. O meu nome é Miguel e sou do ano de 2021. Escrevi esta carta para vos alertar sobre o que pode vir a acontecer.

Preciso da vossa ajuda! Esta Floresta vai sofrer, os nativos vão sofrer, e isso pode destruir o mundo; isto é um grito de socorro, por favor, ajudem-me!” O xamã e Tiago trocaram um olhar assustado. Ambos se questionaram como uma estranha cápsula de metal do ano de 2021 tinha ido parar à sua Floresta. O que é que este Miguel do futuro poderia querer dizer com “destruir o mundo”?! Tiago começou a tremer. De repente, ele sentiu-se rodeado pelo perigo. Afinal, os nativos de que Miguel falava eram todos eles.

Os olhos do xamã voltaram-se para a carta, e ele continuou a ler. “Vou-lhes explicar. Foi em 1960 que as pessoas começaram a abater árvores no que vocês e eu consideramos uma Terra Sagrada. Foi horrível!

Alguns anos depois, um presidente brasileiro decidiu construir uma autoestrada que atravessava a nossa Floresta. Vocês também são os nativos desta terra, os seus donos; por isso, isto também vos diz respeito a vocês. Eles acabaram por desistir da construção da autoestrada e esta ficou inacabada. Vocês têm de proteger a nossa Floresta! Mas esperem, que esta situação ainda vai piorar!”

Notava-se o horror no rosto do xamã; os seus olhos estavam fechados, e ele levantava a cabeça em direção ao céu: teve uma visão do futuro, mas era uma visão terrível. Pelo menos, agora ele tinha uma missão para cumprir, uma missão para a qual todos poderiam contribuir. Ele olhou para o menino sentado à sua frente.

Este parecia igualmente horrorizado. Ele tinha os joelhos dobrados contra o peito e o rosto virado para o chão.

O xamã quis consolá-lo, dizer-lhe que tudo ia ficar bem, mas não conseguiu. Ele suspirou e continuou a ler.

“O desmatamento da Floresta continua, com cada vez mais árvores a morrer em vão. Foi ficando cada vez pior até que um novo dirigente foi eleito. Ele fez algo que nunca vou esquecer ou perdoar, e vocês também não. Ele deixou queimar as árvores, matando toda a vida na Floresta, apenas por ganância. Ele até decidiu que era o momento ideal para continuar a construir a autoestrada de que vos falei. Ele foi uma pessoa horrível por tudo o que fez à nossa Floresta, a nós nativos, ao seu povo, ao Mundo. A maioria das pessoas que vivem na Floresta, hoje, são fazendeiros que concordaram com esse dirigente, que queriam que a sua própria terra fosse consumida pelo fogo, se enchesse de uma terrível fumaça negra que invadiria o céu! Tudo isso, além de ser um assassinato em massa, é também desrespeitoso. Desrespeitoso para todos os seres que querem viver em paz e que se preocupam com o equilíbrio do nosso Planeta. Sem a nossa Floresta, não há mais nenhuma esperança de sobrevivência na Terra! Se não lutarmos, a nossa Terra-Mãe vai desaparecer! Então, imploro, por favor, ajudem-me!”

Quando o xamã interrompeu a sua leitura, Tiago deixou escorrer uma lágrima pela bochecha. Ele ergueu os olhos para o adulto e perguntou se tudo isso era verdade, se todos iam morrer, se a Floresta deles ia morrer. O xamã acariciou a cabeça do menino e sorriu-lhe com tristeza. Ele fez-lhe a promessa de que eles todos iriam lutar, vencer a batalha e salvar a Floresta. No entanto, ele parecia duvidar de si mesmo, não

conseguindo acreditar nas suas próprias mentiras. Hesitante, continuou a leitura da carta: “Acredito em vocês. Não posso salvar o Mundo, mas talvez vocês o possam fazer. Vocês têm a capacidade de mudar o Futuro. Vocês encontrarão fotografias no segundo envelope que contém as provas de tudo o que digo.” De repente, o xamã sacudiu a cabeça e, quando abriu novamente os olhos, lançou um olhar determinado, um olhar que Tiago nunca tinha visto antes. Estas foram as últimas palavras de Miguel, um estranho do Futuro que depositou a sua confiança neste povo. O que começou como uma simples “Caça ao Tesouro” era agora uma missão para salvar o mundo. O xamã abriu o segundo envelope. De facto, encontravam-se lá dentro fotografias, imagens de árvores em chamas, fumaça negra a manchar o céu e Florestas afogadas em lixo. Nenhum deles podia acreditar no que os seus olhos viam, eles não podiam acreditar que aquilo era a realidade, que aquilo era o Futuro. Como é que se tinha chegado àquela visão de horror?!

Ambos explicaram aos habitantes da aldeia o que tinha acontecido, a “Caça ao Tesouro”, a cápsula, a carta e as fotografias. Todos ouviram pacientemente, com os olhos arregalados e aterrorizados. Eles fizeram circular as fotografias para que cada um deles pudesse testemunhar o terror que foi o ano de 2021.

Horrorizados com essas catástrofes que estavam para acontecer e determinados a salvar a sua Terra-Mãe, os habitantes decidiram agir. Eles caminharam por todas as outras aldeias e contaram a história do Miguel, convencendo outros nativos a proteger a Mãe Natureza. Após anos e anos de

sensibilização, o xamã já estava cansado e frágil. Uma certa noite, Tiago estava sentado ao lado da cama do xamã. Tiago fez-lhe a promessa de continuar a levar a cabo a sua luta e de salvar a Floresta. Após um último suspiro, o coração do sábio parou e a aldeia ficou sem líder. Apesar do luto e da tristeza causada pelo desaparecimento desse grande homem, Tiago assumiu o lugar do xamã e reuniu todos os povos de forma a organizar uma revolta.

Em 1960, conforme previsto pelo Miguel, as pessoas começaram a abater árvores massivamente, mas todos estavam preparados. Tiago e o seu povo começaram a construir barreiras em torno das áreas em que as pessoas estavam a matar a sua Floresta. Eles sabotaram os equipamentos e lançaram pedras aos trabalhadores.

Por isso, estes decidiram abandonar o local bastante rápido. Alguns anos depois, voltaram com máquinas maiores, novos equipamentos e com armas. Isso era um problema no início, e causou a morte de vários membros do grupo de defensores da Floresta, mas Tiago não perdeu a esperança. Uma noite, ele reuniu um pequeno grupo de homens para atacar os trabalhadores e roubar as armas. Era uma noite de tempestade e havia apenas uma pessoa a vigiar as máquinas. Ele tinha uma grande arma na mão, mas parecia sonolento e exausto.

Foi bastante fácil deixá-lo inconsciente e roubar a sua arma. Armados com as máquinas que tinham roubado, os Guardiões da Floresta transformaram o acampamento dos trabalhadores num inferno gigantesco, destruindo as tendas e matando todos os homens acampados naquele local.

O som das armas alarmou os outros trabalhadores e guardas que estavam instalados um pouco mais longe. Cada um deles pegou numa arma e correu em direção ao local de onde provinha o barulho. Não houve tempo suficiente para os nativos conseguirem escapar. Apenas lhes sobraram duas hipóteses: ou se escondiam por entre os escombros ainda em chamas ou combatiam os homens armados. Tiago tinha receio que os seus homens perdessem a vida neste confronto. Subitamente, surgiram na escuridão vários trabalhadores armados com revólveres e facas. Os gritos ecoavam na Floresta, habitualmente silenciosa, e as balas rasgavam os corpos. Um a um, os homens caíam, o sangue regando a Terra-Mãe. Havia mais trabalhadores do que nativos e eles tinham mais experiência com armas. No entanto, Tiago e o seu povo conheciam melhor os segredos da Floresta e usaram esse conhecimento a seu favor. Graças a Deus, apesar das imensas dificuldades, os nativos afastaram esses invasores indignos da sua terra. Tiago e os sobreviventes carregaram os mortos até às suas aldeias de origem para lhes prestarem homenagem. As aldeias fizeram, então, uma cerimónia fúnebre para estes homens, estes heróis que sacrificaram a sua própria vida para o bem de todos. Uma vitória amarga face aos usurpadores. Entoaram, entre lágrimas e suspiros, palavras de uma canção ouvida na rádio: “É invasão, destruição, ódio a quem são seus empecilhos. Eles não pensam no amanhã nem do planeta nem dos próprios filhos”. Tiago tinha o pressentimento de que esses assassinos não ou-sariam regressar àquela terra tão cedo.

O ano de 2021 chegou, e, desta vez, era Tiago quem se sentia cansado e frágil. Deitado na cama, o xamã sorria, pensando na promessa feita ao seu predecessor. Pensava naquele dia único e milagroso em que tinha encontrado aquela estranha cápsula de metal por mero acaso, após um longo percurso com um mapa virado ao contrário. Que rumo teria assumido a sua vida se tivesse lido corretamente o mapa? Aquela cápsula que anunciava a morte fê-lo lutar pela vida. Agora, junto dos seus na sua Terra-Mãe, parecia perder as forças e entregar o seu corpo à terra que o viu nascer. A sua fusão com a sua terra estaria para muito em breve. De repente, um estranho entrou pela porta da sua cabana e agarrou na sua mão. Prometeu-lhe que salvaria essa Terra Sagrada. “Como se chama?”, perguntou o xamã. “Miguel”, respondeu o estranho, sorrindo...

Categoria: Infantil-Juvenil B1-B2

Autora: Chloé Blanchet, França

A fumaça cósmica

Era uma vez uma avó muito gentil que gostava de contar histórias às suas netas. Ela tinha três netas: Ana, Maria e Chloé. As meninas adoravam as histórias da avó, e a preferida delas era a “história dos anos de horror”.. A avó tinha quase 110 anos – sim, 110 anos –, tinha nascido em 2048, numa cidade calma, mas importante, por ter um centro de pesquisa tecnológica.

As meninas, como era hábito, aproximaram-se da avó, para lhe pedirem para contar a “história dos anos de terror”.

Tudo começou em 2022. Havia muitos avanços tecnológicos, mas os pesquisadores e cientistas queriam algo de novo, mais potente. Tiveram, então, a ideia “tonta” de construir um telemóvel gigante, capaz de comunicar com todos os planetas do Sistema Solar.

– O quê? Que disparate foi esse?! – comentou a Ana.

As outras duas netas concordavam com a mais jovem, mesmo sendo a ideia de comunicar com algo tão distante interessante.

Os cientistas finalmente conseguiram construir o grande e gigantesco invento. O tal telemóvel era tão potente que absorvia toda a energia elétrica dos arredores da cidade. O consumo de eletricidade era cada vez mais elevado, e quase não tínhamos eletricidade em casa...

As meninas olhavam com muita atenção a avó, abrindo muito os olhos, pela admiração que sentiam por esta estranha e curiosa história...

- Continua, avó! - pediam elas em coro, como se estivessem sincronizadas.

Então, minhas netinhas, aconteceu o que todos temiam... Depois de absorver toda a energia da cidade, a tal geringonça aqueceu, aqueceu e BUM!, EXPLODIU!

- O quê?! Meu Deus, que medo! - disse a Maria, a neta mais velha.

Com a explosão, tudo mudou... uma fumaça cósmica formou-se e ficou no ar durante muito tempo em forma de nevoeiro denso e pesado. Essa fumaça estranha criou uma grande confusão na cidade e na Natureza....

- Como assim?! - interrompeu a pequena Ana.

Começou a nevar no verão e a fazer muito, muito calor no inverno. Eu lembro-me tão bem de ver os flocos de neve, branquinhos, branquinhos, a perderem-se na areia da praia, onde passava férias, e lembro-me de ver a minha mãe a suar desesperadamente no inverno...

- Mas isso explica o que estava escrito no livro de Ciências do ano passado, “as alterações climáticas” - concluiu Chloé, a neta do meio.

Sim, as alterações climáticas, situação provocada pela irresponsabilidade e ganância do Homem... Com a sede de tudo inventar, sede sem fim, o Homem levou o planeta e todos os seres vivos a essa situação sem volta... A fumaça cósmica ficou muitos e muitos anos no ar, e não só no Brasil; também atingiu outros países: Portugal, França, Itália, Espanha, Inglaterra... Finalmente, todos os continentes foram atingidos pelo flagelo. Como as estações do ano estavam todas trocadas, os animais e as plantas sofreram consequências violentas: os animais já não sabiam quando hibernar, morrendo de cansaço, as plantas nasciam fora do tempo, murchas ou queimadas, pois os bolbos brotavam num clima de inverno.

- Mas, avó, como eles conseguiram fazer voltar tudo ao normal? Como era antes... - perguntou a Chloé.

Hummmm... as crianças inventaram uma palavra e um conceito: “sustentabilidade”. Com esta, mexeram na consciência dos adultos, sensibilizando-os para a sua (ir)responsabilidade e para a sua culpa... Tínhamos de acabar com os anos de terror e tentar achar uma solução para reverter a situação. Assim, eu e um grupo de amigas criámos essa palavra e o que ela significa. Era urgente mudar de rumo e de atitude. Sustentabilidade: “usar com equilíbrio a Natureza e preservar o planeta.” Os nossos pais, desde logo, nos deram todo o seu apoio e apresentaram o conceito a um grupo de cientistas que estudava e tentava resolver o problema da fumaça cósmica. Finalmente, após toda a névoa ter sido aspirada para fora do planeta, o Homem aplicou o significado da “sustentabilidade” e, devagarinho, a Natureza renasceu e voltou ao seu normal...

Mas, atenção, meninas, a Natureza é frágil e preciosa. É preciso continuar a cuidar dela com SABEDORIA, mas, também, com CARINHO...

- Temos, sim, porque, da próxima vez, poderá não haver novas palavras que salvem o planeta! - concordou a pequena Ana. - Agora que terminei a história, vão regar as plantas, que elas estão com sede, e conversem com elas com carinho... Enquanto isso, vou preparar o vosso bolo favorito, de CHOCOLATE!

- Iupi! - gritaram as meninas em coro.

Categoria: Infantil-Juvenil B1-B2

Autora: Julija Garcia da Silva, França

Sozinho no planeta

Em 2042, no planeta Terra já não há ninguém. Toda a Humanidade fugiu para outro planeta, a muitos anos-luz daqui, o planeta Zurito.

Nesta Terra desabitada, as girafas têm três cabeças, os macacos têm duas caudas e os peixes podem andar na terra seca infértil. As florestas estão todas queimadas, a água das calotas glaciares evaporou, por causa do calor e do aquecimento global.

As pessoas que agora habitam no planeta Zurito pensam que na Terra a Humanidade desapareceu. Porém, uma criança ainda vive, tendo os seus pais morrido durante a catástrofe. Essa criança chama-se Tomás. Ele vive com o seu cão, Douro, numa casa feita de lixo, que ele foi encontrando entre as árvores queimadas. O menino gostava muito da sua outra vida. Ele ia à escola, tinha muitos amigos e, sobretudo, tinha uma família... uma família que partiu...

Mas como foi tudo isto acontecer? Como é possível que este planeta tão bonito ficasse assim? Como é possível, passados tantos anos, que o Tomás ainda seja uma criança?

Tudo começou no ano de 2024, durante os Jogos Olímpicos. A ginasta Simone Biles estava a fazer o seu movimento de barras assimétricas, quando ocorreu uma gigantesca tempestade solar. O Sol não explodiu, porém, houve uma enorme onda de calor que queimou tudo.

- Boa! Ela conseguiu! Vai ganhar uma medalha! A Simone é a melhor! - disse o Tomás, agarrado ao pequeno Douro, quando as sirenes começaram a soar. E foi esse o alarme que marcou o fim do mundo. As sirenes, durante os Jogos Olímpicos...

Muitas pessoas morreram. Quanto aos sobreviventes, durante anos, viveram em túneis dentro das montanhas, para se protegerem das radiações do Sol. Quase perdiam a esperança, quando o cientista José Einstein fez a descoberta do século: um buraco de minhoca, capaz de atravessar o espaço-tempo. Graças a essa descoberta, os sobreviventes poderiam viajar para Zurito, o único planeta habitável no espaço mais próximo.

A grande viagem foi marcada para o dia do décimo aniversário do Tomás. Foi a primeira vez, depois de muitos anos. Que ele viu a superfície da Terra, que mais parecia um vulcão acabado de explodir. Estavam as naves espaciais apontadas para o céu escuro, quando um enorme sismo abalou a Terra, cada vez mais doente. O planeta há muito que não estava bem, por causa da poluição provocada pelo Homem, e todas aquelas catástrofes naturais foram o golpe final.

No meio da confusão, o Tomás perdeu-se, assim como o Douro, que, sem ninguém saber porquê, se manteve sempre um pequeno cachorro. Separado dos outros sobreviventes, ele viu os foguetões entrarem em órbita.

Foi no dia em que fez dez anos que o Tomás se viu sozinho no planeta Terra. Sozinho? Não! Ele contava com a companhia do seu cão.

Passaram anos... O Tomás já não sabia a sua idade. Talvez vinte? Talvez vinte e seis? A verdade é que ele continuava com um corpo de criança, sempre abraçado ao seu pequeno cachorro. Juntos, eles construíram uma vida e, milagre ou não, nunca se sentiram doentes, nem sequer uma constipação ou uma febre. Seria a radiação do Sol que os protegia? Ninguém sabia...

Eles criaram uma vida juntos, vivendo um para o outro, um cachorro que não envelhecia e um rapaz adulto no corpo de uma criança de dez anos. A cabana de lixo, onde passavam as noites, ficava nas margens de um grande rio quase seco, um rio que, antes do fim do mundo, se chamava Tejo, mas que, agora, não passava de um pequeno riacho. Era a única água que existia no que restava de uma grande cidade.

- Bebe, Dourito - disse o Tomás, dando água ao seu cão. - Temos um longo caminho à nossa frente, até ao supermercado abandonado.

O Tomás imaginava as respostas do Douro, como se falassem por telepatia. Eles relembavam, juntos, como o céu era azul, como era sentir as gotas da chuva a cair na cara... O Tomás e o Douro conversavam mesmo muito. Claro que essas conversas

não existiam na realidade, tudo acontecia dentro da cabeça do Tomás, uma boa maneira de combater a solidão.

Quando o Douro acabou de beber a água, eles partiram até ao supermercado, onde o Tomás sabia que havia ainda comida enlatada. O Dourinho tinha o melhor faro do mundo. O seu faro era capaz de detetar comida a dez km de distância. Percorreram a estrada destruída, envoltos numa nuvem de poeira fina, que cobria a paisagem e subia até ao céu. O Tomás lembrava-se das fotografias do planeta Marte que vira num livro da biblioteca, um planeta vermelho e coberto de ferrugem.

- Vês, Douro, agora somos marcianos que nunca saíram da Terra.

O cão olhou para ele e lambeu os beiços, certamente a pensar naquilo que ia comer.

- Tens fome? Eu estou cansado.

E o Tomás sentou-se encostado ao tronco negro de uma árvore morta. A Terra já não era verde nem azul, já não havia mares nem florestas. O Sol, pesado como uma forja gigantesca, evaporara a água dos mares e queimara todas as árvores das florestas. O bosque do centro da cidade era, agora, um cemitério de mastros secos e negros.

- Lembras-te de como eram as árvores? Qual era a cor das árvores? Acho que me esqueci... - disse o Tomás.

O Douro afastou-se uns passos e começou a esgravatar no chão seco, latindo baixinho.

- O que foi? O que descobriste?

O cão sentou-se e começou a uivar. O Tomás levantou-se e aproximou-se, ajoelhando-se ao lado do seu melhor e único

amigo. Ele deixou a poeira baixar, e foi então que viu a coisa mais bonita que alguma vez vira na vida.

– Já sei, Douro! A cor de que não me lembrava é o verde!
As árvores eram verdes!

Olhando para eles, estava uma pequena planta, a primeira que nascia desde a catástrofe. O planeta renascia das cinzas. O Tomás pôs-se de pé e começou a gritar na direção do céu:

– A Terra está viva! A Terra está viva!

Quem sabe se os restantes sobreviventes não ouviram este grito de alegria e esperança, lá em Zurito.....

Categoria: Juvenil-Adulto A1-A2

Autora: Adara Vassalo Márquez, Espanha

Memória perdida

Amiga, sorridente, carinhosa e alegre, todos esses poderiam ser os adjetivos que definiriam a minha avó. A minha avó é a melhor avó de todas, e ninguém pode discutir comigo sobre isso, mesmo que ela esteja um pouco diferente, ultimamente, direi mesmo rara, porque não é a mesma avó que eu conheci e com a qual tenho convivido ao longo dos anos. Às vezes chego a casa dela e ela não sabe quem sou eu, esqueceu-se de mim, esqueceu-se de si e dos outros. Dou-lhe um beijo e sorrio somente para ela, digo-lhe que sou a neta dela; não sabe quem sou, mas a verdade é que ela fica muito feliz. É tudo tão insólito, tão raro e tão duro que, às vezes, o inexplicável de tudo isto acaba por ser entendido nesta forma de ausência e frialdade que só a compreensão e o carinho conseguem dulcificar. É tudo tão duro e tão estranho, né?

Há dias atrás, brincando na sala de estar, ouvi os meus tios e a minha mãe a conversar na cozinha. Apesar de murmurarem

por entre os dentes, como se um segredo se tratasse, consegui decifrar desse murmúrio que estavam a falar da idade da minha avó, do facto de ser muito velha, procurando explicar dessa forma, a sua ausência permanente da realidade. Ela estava ali fisicamente, mas unicamente isso. A sua mente já não existia, a memória e a capacidade de reconhecer e de pensar já se tinham ido.

Era tudo tão dramático e tão triste que na minha cabeça só podia titubear entre a incredulidade e a indignação! Como poderiam dizer que a minha avó estava velha quando a minha avó era muito jovem?! Não queria acreditar que a idade fosse a responsável por esta ausência permanente da realidade. Ouvi falar dum tal Alzheimer, alguém que eu não conhecia. Tentei perceber quem era, mas do sítio onde estava escondida, atrás da porta, não conseguia ouvir com clareza o que diziam. Enquanto centrava a minha atenção nas confidências familiares, uma ligeira corrente de ar, que fez esvoaçar o meu cabelo escuro pela porta entreaberta, permitiu à minha mãe descobrir a minha inadequada presença, tendo sido por isso repreendida.

No dia seguinte, na escola, perguntei aos meus melhores amigos, o Matias e a Laurinha, sobre o Alzheimer, mas não obtive nenhuma informação; eles também não sabiam nada de nada. Até que, no dia seguinte, a Laurinha interrompeu o nosso jogo para me informar sobre quem era o senhor Alzheimer. Naquele momento descobri quem era. Segundo a minha amiga, ele era um monstro que roubava a memória dos avós e só a devolvia quando eles se comportavam bem. Não queria

acreditar naquilo que estava a ouvir! Isto não fazia sentido nenhum! É que a minha avó sempre se comportou bem. Porque é que ela seria amiga desse monstro?

Muito confusa e triste, voltei para casa depois de um longo dia na escola, mas isso não passou despercebido à minha mãe. Preocupada, tive de contar-lhe o que tinha sabido, as poucas certezas e as muitas dúvidas que me assaltavam a cada momento.

A minha mãe, rota pela dor, desatou a chorar convulsivamente. Banhada entre lágrimas, lá me foi contando quem era o Alzheimer, que não era um monstro, que era uma doença irreversível que te vai deixando cada vez mais ausente a cada dia que passa e que, por isso, a minha avó se ia esquecendo progressivamente de tudo, de comer, de falar, de andar... e até de quem era! Se alguma coisa ficou bem viva na minha mente, foram as palavras enigmáticas daquela conversa.

- Querida filha, não te preocupes com a tua avó. Ela não estará boa de saúde, mas vai ficar muito bem cuidada entre nós. Pensa que a tua avó vai estar sempre presente nas nossas vidas, como tem sido sempre com todas as avós ao longo dos tempos. Os avós estão sempre no nosso imaginário, nos nossos sonhos e em todos momentos e pensamentos da nossa vida. Mesmo que passem cem anos, elas estarão sempre no coração daqueles que as amam, a sua humanidade é intemporal nestas e noutras terras, por muitos e muitos anos.

Mas há uma coisa que todos temos em comum...

- O que é? - perguntei ainda agachada nos braços da minha mãe.

- O que temos em comum é que todos temos uma avó. Hoje como ontem, há cem anos atrás, os que amavam as avós de então são aqueles e aquelas avós ou bisavós que com a mesma paixão amam os seus netos e os seus bisnetos. Apesar de ausentes por esse maldito Alzheimer, os avós continuam a carregar, no olhar e no coração, o amor, a experiência e o carinho que devemos desfrutar e retribuir com respeito, carinho, simpatia e admiração.

Eu quero que tu, minha avó, sintas que eu continuo a amar-te. Apesar de estares ausente, tu estás sempre bem presente dentro de mim. Quero que saibas que eu estarei sempre ao teu lado, bem juntinha a ti, cobrindo-te de beijos com estes lábios que me tens acareado desde pequenina. Um “chi-coração”, avozinha!

Categoria: Juvenil-Adulto B1-B2

Autora: Patrícia Villasante Sánchez, Espanha

Contrabando de histórias

- Trouxeste as máscaras? - perguntou o Pepe.

- Oh, pá! Calma! Mas talvez devesse dizer a senha... Sabes que fui contrabandista nos anos 40, não é? Quem teria pensado que aos 80 anos eu continuaria com o tráfego de máscaras - disse o João, com um risinho. - Aqui estão, Pepinho. Ainda bem que fui eu que as comprei em Portugal, porque da Espanha nem bom vento...

- ... nem bom casamento. Seu malandro! Tudo bem, João? Esta semana, morreram dois na minha zona.

- Tudo bem!

Todas as semanas Pepe e João se encontravam na ponte da barragem de Miranda do Douro. Era março de 2021 e eles não podiam cruzar de um país para o outro devido à Covid. Sentiam

que estavam a perder tempo de vida. Tinham mais de 80 anos e nunca imaginaram que viveriam algo assim.

Eles eram amigos há muitos anos. Pepe é de uma vila quase fronteiriça, Torregamones, e João, de Miranda do Douro, mas a pandemia estava a privá-los dos seus cafés e jogos de cartas em ambas as margens do Douro.

A cada dois ou três dias, combinavam no ponto de corte que estabeleceram na fronteira. Parecia que tinham viajado no tempo, quando era necessário mostrar o bilhete de identidade aos guardinhas para passar de Espanha para Portugal e vice-versa, ou quando examinavam os carros para ver a quantidade de café, talheres ou lençóis que levavam de volta para Espanha.

De alguma forma, o contrabando sempre existiu. Durante o regime de Franco, foi feito por necessidade ao longo de toda a fronteira. E agora, os amigos faziam o mesmo com as máscaras, dado que são muito mais baratas em Portugal, e Pepe tem uma pensão que não lhe dá para muito...

Conduziam o carro até um lugar próximo e caminhavam alguns metros para esticar as pernas. Não sabiam se o que faziam estava certo, mas também não devia ser considerado errado.

- Vou ser bisavô. A minha neta vai ter um menino e ela quer chamá-lo António. Eu já lhe disse para não lhe dar o nome de Salazar.

- O nome do meu neto é Francisco, e eu não o associo a Franco. Então, como gostarias que o chamasse? Filipe?

- Estás a gozar? - negou com a cabeça. - Como os reis espanhóis que vieram para roubar a nossa identidade?

- És sempre assim! Temos de mudar essas ideias, porque Espanha e Portugal estão juntos, e parece que nos olhamos um para o outro de lado ou nos viramos as costas. Então, como queres que o chame?

- Fernando José, como Salgueiro Maia!

E riram-se às gargalhadas.

Em cada reunião no meio da ponte, lembravam-se de momentos da História, vividos nos últimos anos por eles ou pelos seus pais. Ainda tinham uma boa memória.

João sempre brincava, mas, no fundo, gostava de Espanha, graças ao seu amigo Pepe, que era *portunhol*. O seu bisavô era português e o seu avô e pai nasceram em Olivenza. Filhos de Espanha e netos de Portugal, é o que os chamam. Na verdade, os seus filhos até podiam requerer a dupla nacionalidade, como descendentes de portugueses. O seu apelido é Rodrigues, embora tenha sido espanholizado com o Z, de modo a não causar demasiados problemas. Durante a ditadura espanhola, a identidade portuguesa desta cidade na Extremadura foi apagada, embora tenha sido antes disso, em finais dos anos 20, quando viajaram para terras de Zamora. Nessa altura, foi assinado um tratado internacional entre Espanha e Portugal, e começaram a ser construídas barragens nos rios limítrofes ou nas proximidades.

O avô de Pepe começou a barragem de Ricobayo e o seu pai trabalhou na de Almendra, onde, infelizmente, morreu sepultado por uma laje de granito com outros nove colegas. Foi em 1968 e ele tinha 49 anos. João sabe bem a história porque já conhecia Pepe naquela altura. Ambos trabalharam na

construção da barragem de Miranda do Douro. Curiosamente, é onde se encontram agora para poderem matar a saudade dos seus encontros, na velha normalidade.

– Ainda guardo as cartas que costumávamos enviar. Tenho a certeza de que foram lidas aqui na alfândega – recordou Pepe, referindo-se àqueles anos em que atravessar a fronteira era complicado. – E eu ainda tenho o cravo, agora seco, que escondeste entre as folhas, quando me pudeste contar como viveste a Revolução dos Cravos.

– Meu Deus! Como é que guardas isso? No dia em que eu morrer, enterrar-me-ão com essa carta – diz João, sempre entre piadas. – Espero que não te esqueças, não me faltará muito.

– Vá lá! Cala-te! Obrigado pelas máscaras. Cuida-te e até sexta. Vou trazer-te algum pão e doces que a minha senhora fez, ela tornou-se padeira, agora que é uma velhota.

João ficou a olhar para o seu amigo, enquanto ele se afastava. Voltou-se e começou a subir a estrada até ao seu carro, que tinha deixado estacionado no cais. Teve de se despachar, porque, se se atrasasse, seria repreendido no seu lar.

Era muito independente e entrava e saía dali livremente, mas tinha muito cuidado com os seus colegas, porque os mais velhos corriam sérios riscos se apanhassem a Covid. Ele dizia que não tinha muito a perder porque era viúvo e a filha e os netos viviam longe, em Faro. Era por isso que nunca faltava aos encontros com o seu grande amigo Pepe. Este contrabando de histórias mantinha-o vivo.

Categoria: Juvenil-Adulto C1-C2

Autora: Vlada Druzd, Ucrânia

Lume da mudança

O lusco-fusco do crepúsculo adensava-se pela vila de Inverno, enquanto eu continuava a rabiscar disparates numa folha de papel. O terceiro dia sem eletricidade quase chegou ao fim, e, ao esforçar-me em ignorar o estômago a implorar uma tigela de sopa quente, tento pensar em coisas sublimes. Tem sido sempre uma estratégia sem saída, mas por alguma razão continuo a arriscar. Um artista deve passar fome, dizem. Talvez uma estudante também deva? Então abro o meu caderno com um ramo gigante de peónias na capa e quero inventar um título para o meu novo ensaio. Imaginando-me uma espécie de grande filósofo, tem mantido a minha mente sã por muito, mas muito tempo. Cheguei à conclusão: caso não se possa combater a ansiedade, é preciso torná-la uma aliada. Há muitas canetas no meu estojo, mas prefiro aquela com a tinta vermelho-paixão, e começo a escrever numa caligrafia lindíssima. E que tal... “O que significam 100 anos na

memória coletiva?” A verdade é que mal imagino a quantidade de História que pode ser englobada em tal extensão. Falando da memória coletiva de um povo, estamos a referir-nos às experiências, histórias e conhecimentos comuns que são transmitidos de uma geração a outra, e que moldam a sua identidade... Estas palavras vazias são as únicas que me vêm à cabeça. Por mais que deseje, a minha mente dolorida é incapaz de mais. Mas serei eu assim tão culpada? Cem anos parece ser um número inacreditável. Mal suportei vinte... E poderei de verdade tolerar mais? Mas, olhando da perspectiva do Universo... num estalo de dedos, o desânimo soviético muda para o vento da independência. Ou não é assim? Não posso continuar a enfrentar a minha estupidez, por isso vou dar um passeio. Esta aldeia para onde tive de fugir desde o início da guerra é um desastre absoluto, e não me consigo lembrar da última noite calma... No entanto, não é para negar que uma cabana acolhedora é muito mais confortável do que um prédio de muitos pisos. Especialmente quando não se tem a capacidade física para descer catorze andares... Eu tiro o cigarro do meu pai do bolso, praguejo em voz alta. Como é que me esqueci do isqueiro! Não demorava muito tempo a voltar para casa e buscá-lo, mas o momento estaria perdido, por isso, olho à minha volta e inalo o odor da meia-noite. O ar ainda cheira a estrelas, como sempre cheirou. Já passou quase um ano, e nada parece mudar. Ouço os sons da música à distância. Alguém canta em russo. Pelo amor de Deus... Sento-me num tronco e fecho os olhos. É uma vergonha ficar tão facilmente sobrecarregada. Depois, de súbito... “Ei rapariga, precisas de lume?”

Era exatamente o que necessitava! Saltei de horror e bloqueei, ainda apavorada. Após uns momentos, apercebo-me de que a voz que me despertou era feminina, enérgica e dolorosamente familiar. Com grande dificuldade, forço-me a abrir os olhos e a mirar a estranha. Diante de mim está uma mulher jovem, de cabelo encaracolado, com um casaco à moda antiga. Guarda um isqueiro na mão. “Parecias tão confusa que vim ajudar uma moça perdida. Depois reparei nos cigarros na tua mão. Não são do tipo habitual. Serão alemães?” Suspirei ligeiramente. De repente, tudo fez sentido: os olhos azuis brilhantes, a sua voz aguda e um lenço vermelho no pescoço. Decidi aventurar-me numa suposição e perguntei-lhe como se chamava. Ela respondeu com o nome da minha bisavó. Que raro esse nome! Tive este sentimento de formigueiro por todo o corpo. Sim, estava eu definitivamente a ficar maluca, e talvez um dos mísseis inumeráveis tivesse atingido a nossa casa desta vez, e agora via alguma tolice a suceder à minha frente. Mas eu estaria a mentir se dissesse que não tinha sonhado com esta conversa desde sempre, como a minha bisavó era uma lenda da família. Deitamo-nos no meio da clareira e conversámos. Não sei porquê, mas apesar da invernia de janeiro, não senti frio. A mulher falava animadamente, e as suas bochechas coradas brilhavam através da escuridão da noite como dois carbúnculos. Mas nos seus discursos não houve doçura alguma. “Quando estavam prestes a reprimir o pai, ele disse à mãe para se divorciar, a fim de que Deus proibisse que nos magoassem... A mãe não se deu ao trabalho de se entristecer muito, e logo voltou a casar. O meu padrasto era um bom

homem, e eu adorava os meus irmãos e irmãs mais novos. Tudo continuou como de costume. Trabalhei muito, a minha mãe criou os filhos, o meu padrasto desfrutava da comunidade científica. Sim, ele era um famoso biólogo! E depois a guerra eclodiu. Os meus pais desapareceram, os meus irmãos e irmãs estavam num acampamento de verão na altura, eu queria levá-los embora, mas, quando cheguei ao Sul, os meus parentes já tinham sido evacuados. Por isso, regressei à minha cidade natal completamente sozinha, sem lugar para ir.” Mal consegui conter as lágrimas. De seguida, veio a história das suas peregrinações. Ela tinha jeito para línguas e solução de problemas, então foi levada para trabalhar na Alemanha. As coisas estavam a correr bastante bem, mas a minha bisavó ousou ser uma verdadeira patriota, e alguns não a conseguiam tolerar. “Sim, bem, eu tinha um triângulo vermelho costurado no uniforme... Malditos sejam! Foi difícil, chorava muito. Mas sabes? Quando a Gestapo me torturava, recordava-me que foi um dos nossos rapazes que me denunciou àqueles sacos de pulgas. E sentia mais dor do que qualquer agulha debaixo das unhas. É tão importante distrairmo-nos...” Eu sorria com amargura. Pois eu sabia que era apenas o início da viagem. Tinha de ir mais duas vezes a um campo de concentração, e ambas as vezes escapava. A segunda vez com o meu bisavô. Mas por agora... “Não sei, talvez devesse contactar os pais da minha amiga. Até me lembro da morada do apartamento deles em Berlim!” Já não consigo aguentar. Afinal, é pouco provável que esta situação se torne mais esquisita. Mas se calhar é melhor que não diga quem sou. O facto de eu ser do futuro será

suficiente. “Querida, podes não acreditar, pode ser um sonho, e, assim que eu o disser, vai dissipar como nevoeiro. Mas deves saber que eu sou do século XXI. Estamos na Ucrânia. E estamos em guerra. Por muito que...” Antes que eu possa terminar, uma onda de angústia agarra-me. Porque é que a manchei no meu próprio pesar? Porque é que a levei de uma tristeza para outra? Não podemos nós duas moer esta tristeza em pó? O seu rosto tornou-se chato e opaco por um segundo, e ela engasgou-se, dizendo o tipo de coisa que eu esperava ouvir. “Meu Deus, ainda estão a lutar contra fascistas? Contra os mesmos?” Passo-lhe uma pastilha elástica. Não aguento. Dói. Mas ela sorriu. “Sabe a alfazema”, disse. Como saberia ela o gosto da alfazema? Estou a delirar, com certeza... Fico tonta e caio no oblívio. Acordo na minha cama. Há um caderno fechado e um verdadeiro *bouquet* de peónias na secretária. Ah, foi definitivamente o meu pai. Se ele foi à cidade sob o tiroteio para me arranjar doces, porque não peónias? Vou buscar o meu caderno. As linhas sangrentas destacavam-se na brancura do papel: “Lembram-se? Lembram-se? Lembram-se? Lembrar-vos-ei! Lembrar-vos-ei!” Ah, clamor do coração. Tão bizarro, tão lacrimoso... Mas Deus! Salve-me de ouvir o mesmo dos meus bisnetos. E espero que eles tenham os seus próprios isqueiros. Oiço explosões à distância, mas já não penso mais nisso. Deixem-me alienar-me. As flores fazem-me zozna...

Menções honrosas



Categoria: Infantil-Juvenil A1-A2

Autor: Jorge Claudio Picard, França

As almas da Natureza

Era uma vez, num reino longínquo, um rei chamado Ilan. O seu nome significava árvore, em hebraico. Apesar de todo o seu poder e de toda a sua riqueza, ele não era feliz. Lamentavelmente, Ilan tinha perdido a sua amada esposa por causa de uma doença incurável devida à poluição ambiental. Todos os médicos do reino tentaram salvar a rainha, mas não conseguiram, pois os seus pulmões estavam muito danificados por causa do fumo das indústrias que existiam nos países vizinhos. No dia do parto da sua filha, a rainha não conseguiu resistir ao esforço físico e deu o seu último suspiro. Graças a Deus, o fruto do amor de Ilan e da sua esposa sobreviveu, e o rei deu-lhe o nome de Anthea, nome grego que significava flor. Para o rei, aquela recém-nascida era a mais bela de todas as flores. Naquele dia, Ilan viu à sua frente um encontro entre a vida e a morte, uma transmissão de vida a um novo ser. Na sua cabeça, vozes do além murmuravam-lhe: “A sua mulher

partiu e dela brotou a maior flor do mundo. Deixe esta planta fazer florir tudo à sua volta. O dom da mulher que parte passa para a mulher que fica”. O rei fingiu não escutar estas vozes ensurdecedoras.

Os anos foram passando, e Ilan parecia ver diante de si confirmadas as previsões das vozes. Ao longo dos anos, foi-se apercebendo de que a sua preciosa filha Anthea tinha o dom de estar em sintonia com todos os animais e plantas: do maior ao menor, parecia que todos esses seres sabiam que ela os protegeria e os salvaria. A Natureza confiava nela, e Anthea sentia no mais profundo do seu ser que a sua missão era a de salvar de um fim inelutável. Certo dia, a princesa chegou mesmo a confessar ao seu querido pai: “Acho que é meu dever salvar a Mãe Terra. É ela que nos dá a vida e nos acolhe quando partimos. É na Mãe Terra que a minha mãe mora, temos de protegê-la”.

Foi nesse momento que o rei tomou subitamente consciência de que o reino que governava se estava a deteriorar e de que o seu povo sofria por causa dessa terrível poluição do ar, da escassez de água potável e do intenso desmatamento. Foi então que lhe vieram à memória as palavras que a sua sábia mulher tinha dito, pouco antes de falecer, numa reunião com os governantes das grandes terras do seu reino: “Precisamos de fazer algo para mudar esta situação. A mãe de todos nós, a nossa Terra, está a morrer. Depois dela, seremos nós. Temos de cuidar da Mãe Terra e a Mãe Terra cuidará de nós”.

Nesse momento, Ilan e a sua filha decidiram agir para salvar a vida dos habitantes de um trágico fim. Convocaram todos os habitantes do reino para lhes explicar a situação e

incentivá-los a mudar o seu estilo de vida. Eles disseram-lhes: “Vivemos juntos neste Planeta e o nosso dever é de o proteger para as gerações futuras. Temos de agir agora para reduzir o nosso impacto sobre o meio ambiente, caso contrário, será tarde de mais. Será a extinção de todas as formas de vida na nossa querida Mãe Terra!”

Os habitantes do reino ficaram transtornados com as palavras do rei e decidiram juntar-se a ele para promover um ambiente mais sustentável. Eles começaram por plantar inúmeras árvores para compensar o desmatamento; depois, multiplicaram as fábricas para reciclar os resíduos e produzir uma energia totalmente verde e renovável. Simultaneamente, eles também fizeram um esforço consciente para reduzir o consumo da água e da energia fóssil. Incentivaram as escolas a incluírem nos seus currículos cursos de proteção ambiental e organizaram atividades para as crianças, a fim de elas compreenderem a necessidade de preservar a Mãe Natureza.

Com o tempo, o reino transformou-se num lugar mais verde e mais limpo. O ar que os habitantes respiravam era bem mais puro e a água mais límpida. As fábricas de reciclagem prosperavam, os resíduos eram transformados em energia renovável e a vegetação crescia cada vez mais bela e mais forte. Os habitantes tinham orgulho do que tinham conseguido fazer todos juntos e estavam felizes por viver neste reino que tanto respeitava todas as formas de vida. O reino tornou-se um modelo para o mundo inteiro e atraía cada vez mais visitantes, que vinham ver como é que eles tinham conseguido um tal milagre!

Os anos passaram, e Ilan sentiu que tinha chegado a hora de se retirar. Já se sentia exausto e, no mais profundo do seu ser, já não se sentia capaz de governar aquela terra. Apesar disso, estava felicíssimo em saber que a sua querida Anthea e os habitantes do seu reino continuariam a cuidar da Mãe Terra e de protegê-la para as gerações futuras. Sentia que, embora após a sua viagem final, também tinha conseguido fazer feliz a sua mulher. Deixou o reino em lágrimas, tendo o seu último discurso emocionado toda a audiência: “Nós não somos os donos da Terra, somos unicamente os seus Guardiões. Devemos cuidar da Terra para as gerações futuras, ou será tarde demais”. Depois de proclamar estas palavras, os seus olhos encheram-se de lágrimas. Olhou para a futura rainha e, por instantes, pareceu-lhe vislumbrar a sua amada esposa. Tal como a sua querida mulher quando partiu para o além, Anthea levava uma coroa de folhagem verde e rosas pálidas como a cal. Ele sabia que, a partir daquele dia, começaria uma nova era para aquele reino, porque aquela menina feita mulher traria a Natureza sempre ao peito. Natureza que visitava regularmente para comunicar com a sua mãe. Sob a folhagem de um salgueiro-chorão plantado num recanto do jardim, jazia a sua mãe. Com o passar dos anos, o corpo tinha-se confundido com o solo, e apenas a alma ali vivia. Era seu ritual abraçar esta árvore para sentir o calor dos braços da sua mãe. Certo dia, esta impressão de calor pareceu-lhe ainda mais real. Sentia uma força que a puxava contra si. Ouvia os batimentos de um coração acelerado. Assustada, a princesa virou-se e fintou o olhar de um jovem agricultor que a abraçava. Apesar de não

terem trocado nenhuma palavra, ambos sabiam que aquele seria o primeiro dia do resto das suas vidas.

No entanto, a vida não é uma rosa sem espinhos, e a nova rainha ainda ia sofrer bastante durante o seu reinado. Na sua cabeça, ecoarão para sempre vozes, gritos de bebés que não viram a luz. Muitos seriam os dias na vida desta rainha em que ela cruzaria a morte e diria “adeus” a um ser, que, na realidade, nunca tinha tido a possibilidade de acolher nos seus braços. Dois enterros, sem direito a cerimónia, perto do salgueiro-chorão. Nos seus braços, em dois momentos, esta mulher carregaria a morte envolvida num pano branco bordado. As lágrimas escorrer-lhe-iam pelo rosto, enquanto via os seus filhos ascenderem a outra dimensão. Nestes momentos, esta mulher despir-se-ia do seu papel de rainha e seria, nem mais nem menos, do que uma mãe que chorava a partida dos seus filhos. Após o enterro, viria o peso do luto e a súplica: “Mãe Terra, acolhe os meus filhos em paz e cuida deles antes de eu partir”.

Surpreendentemente, quando ela menos esperava, a Mãe Terra ouviu a sua súplica e plantou no seu ventre uma nova vida. Felizmente, este bebé veria a luz do dia e cresceria forte, preparando-se para se tornar, no futuro, o novo rei daquela terra. Em jeito de agradecimento, Athea voltou, uma vez mais, a visitar o salgueiro-chorão da sua vida. Quando encostou a cabeça ao seu tronco, ouviu a voz da sua mãe: “Minha filha, o menino que passeias no colo vai ser o Guardião da Mãe Terra”.

Anthea, emocionada, abraçou o tronco do salgueiro-chorão, tendo plena consciência de que tinha carregado no seu ventre um salvador da Natureza. “Obrigada, Mãe Terra, cuidei de ti e tu cuidaste de mim...”, murmurou com lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto.

Categoria: Infantil-Juvenil A1-A2

Autora: Ana Méndez Arias, Espanha

100 anos de memória...

“Parabéns a você
Nesta data querida
Muitas felicidades
Muitos anos de vida...”

Sim, é dia de festa. Hoje faço 100 anos. Quase nada, mas toda uma vida de aventuras e desventuras, de acertos e de equívocos, de alegrias e de tristezas. Ainda retumbam na minha cabeça os “muitos anos de vida” da canção “Parabéns a você” que me acabam de cantar e das velas que termino de apagar, e eis que a saudade acaba de invadir-me pelas perdas que vamos deixando pelo caminho, esse sentimento que ao mesmo tempo nos corrói e nos alimenta, tanto pela tristeza que essas perdas nos evocam como pela alegria que nos transmitem, ao recordar momentos e lugares, onde, de algum modo, fomos felizes. A biblioteca é esse lugar de sonhos e de paixões,

de viagens intermináveis de descobertas e de também de profundas reflexões, onde fui e sou feliz!

Entre tanta festa e tantos abraços, rompendo essa alegria de familiares e amigos, como se de uma estrela fugaz se tratasse o meu pensamento, a saudade invadiu-me, era como se ela quisesse que eu me evadisse no tempo, recreando-me sobre a minha memória, “Memória Viva de 100 Anos” da Literatura Portuguesa, principalmente de alguns escritores e poetas que me acompanharam neste século de vida.

Entre parabéns e mais parabéns, felicitações que nos deixam orgulhosos e que uma pessoa agradece, escapei sorratamente, pé ante pé, para a biblioteca, para recordar aqueles livros e aqueles autores que me raptaram e me arrebataram ao longo da vida, dando-me tão bons momentos de felicidade, ainda que, em alguns casos, me tenham provocado angústia, terror e tristeza. Coisas da vida; a vida é isso mesmo, temos de aprender a lidar e a conviver com elas, colocando-as no seu devido lugar.

Sei que é muito difícil viver aventuras para pessoas da minha idade, no entanto, o que eles não sabem é que, cada vez que escondo os meus olhos atrás das páginas de um livro, vivo outras vidas e outras experiências, algumas delas sem explicação aparente, desde as mais dramáticas, assassinatos, até às mais prazenteiras, por exemplo, a descoberta e recuperação de valiosos tesouros. A porta da biblioteca estava entreaberta. Empurrei-a e entrei naquele eterno universo. Ao vasculhar entre as estantes apinhadas de livros, aqui e ali cobertas de poeira que amareleciam as capas, protegidos pelo rendilhado

de algumas teias de aranha, encontrei um livro pelo qual tenho um incomensurável carinho... o meu primeiro livro, o livro que a minha tia Maria, a “Quitás”, como era chamada pelas amigas, me tinha dado, “O Romance da Raposa”, escrito em 1924 por Aquilino Ribeiro. A minha tia Quitás, uma pessoa muito, muito chegada, era uma pessoa, por quem ainda hoje tenho enorme estima e consideração, infelizmente já partiu; é assim que se costuma dizer cá na minha terra, quando alguém morre, e ela já morreu há muitos anos!

Mas deixemos a morte de lado, ainda que ela esteja sempre aí à espreita. O que eu quero é recordar o quanto me diverti e aprendi com o “Romance da Raposa”, com os seus ensinamentos, que ainda hoje tenho bem presentes, que mais tarde me permitiram ensinar aos meus filhos e aos meus netos o que significa a astúcia na vida de cada um de nós. Abri-o, folheei algumas páginas amareladas pela idade, li alguns excertos soltos e, naquele momento, imagens do passado afloraram na minha mente. Respirei fundo – com a minha idade já me custa respirar –, mas mesmo assim não pude conter a emoção, fechando os olhos. Fechei-o e coloquei-o de novo no seu sítio. Ao seu lado, de braço dado, apertado pelo pouco espaço que tinha, estava ali outro livro, um clássico chamado “Contos para os nossos filhos”, escrito pela Maria Amália Vaz de Carvalho. Embora este fosse mais antigo, deixava-me maravilhado cada vez que o lia. Sem dúvida, foi dos melhores livros que li. É a minha opinião, já sei que nem toda a gente estará de acordo comigo, mas é a minha, sem dúvida tão válida como outras.

Pouco a pouco, tocando com sumo cuidado, acariciando com as gemas dos dedos livro a livro, decido caminhar pelo recanto das obras mais recentes. Uma secção particularmente muito querida para mim; aí estavam as memórias da minha juventude tardia e da meninice dos meus filhos. Lembro-me daqueles momentos ternos com os meus filhos sentados no regaço, em que lhes lia os contos infantis da Sophia de Mello Breyner, que ouviam e seguiam com atenção. Os seus silêncios eram para mim uma dádiva e uma satisfação pessoal. A “Fada Oriana”, “A menina do Mar” e o “Mar Novo” da Sophia, escritos em 1958, tinha-os levado para um Mundo Novo de fantasia e de aventura que todos necessitamos. Deste modo, consegui introduzi-los progressivamente no belo mundo da leitura!

Decerto, já devem ter percebido que a minha biblioteca é grande e que, para mim, é o espaço da casa onde me sinto mais cómodo, talvez o mais importante, pois foi onde mais vezes me apaixonei e ainda me continuo a apaixonar. A caminhada já ia longa, no entanto, ainda me restavam algumas forças para continuar a reviver momentos únicos e muito agradáveis de leitura. Deixei para trás aquelas lembranças de outrora, aproximei-me com alguma dificuldade das estantes, porque os anos não perdoam, estavam ali outros exemplares que, não sendo considerados talvez “obras-primas”, me divertiram imenso. Entre estes, encontrei “A Viagem do Elefante”, escrito pelo José Saramago, Prémio Nobel da Literatura. Ainda hoje me rio à gargalhada com as peripécias da viagem do elefante Salomão, presente de casamento do Rei D. João III de

Portugal ao Arquiduque Maximiliano de Áustria, no século XVI.
Um retrato sempre atual da sociedade!

Cansado, mas ainda com alguma força, numa última vista de olhos pela biblioteca, os meus olhos depararam-se com um livro que não pude deixar de abordar e abrir, um livro que marcou um antes e um depois na forma de como atualmente vejo o mundo, a “Mensagem”, escrito por Fernando Pessoa. Para mim, cada detalhe deste livro é um mundo, ainda que este livro não seja daqueles que mais me marcaram. As minhas estantes cheias de literatura portuguesa são estantes de vida que, nestes últimos 100 anos, também nos deram vida, tanto a mim como a escritores, a poetas e a leitores. Viver e Amar é sentir. Sentir é Criar, dando sentido à vida com arte e ilusão, a ilusão que todos precisamos para alimentar o sonho de outros 100 anos de vida e outros tantos 100 anos de literatura portuguesa. Nesta mistura de pensamentos e sentimentos, nem me dei conta do tempo que tinha ocupado nesta viagem. Olhei para o relógio e vi, com um certo ar de surpresa, que já tinha passado algum tempo, exclamando por isso com os meus botões:

– Ah...100 minutos de vida!

Era o momento de concluir a viagem. Nisto, decidi ir-me embora dali e voltar de novo para a sala, onde a família e os amigos me esperavam intrigados, certamente. Fechei a porta da biblioteca. Enquanto caminhava pelo corredor, ouvia-os cantando:

“Parabéns a você
Nesta data querida
Muitas felicidades
Muitos anos de vida...”
Na verdade, não é todos os anos que festejamos 100 de vida!

Categoria: Infantil-Juvenil B1-B2

Autora: Laura Figueira da Silva, França

Num mundo melhor

– Silêncio, por favor! O filme já acabou, e vocês vão poder ir para o recreio. Algumas perguntas sobre o que acabaram de ver? Gostaram?

Houve um silêncio na turma. Acho que ninguém gostou do filme que a professora nos mostrara. Levantei finalmente a mão:

– Sim, David?

– Não gostei do filme, acho que não representa a vida real.

– E o que é para ti a “vida real”?, perguntou a professora, com um pequeno sorriso.

– O mundo real tem poluição e alterações climáticas, foi o meu pai que me disse. E essas alterações climáticas existem porque não nos preocupamos com a sustentabilidade! – respondi com muito orgulho por ter percebido os comentários do meu pai, quando tínhamos visto na véspera um documentário na televisão.

- O que estás a dizer é muito interessante. Com o teu comentário tive uma ideia de tarefa para vocês realizarem. Vão tentar, numa semana, fazer o máximo de ações para promover a sustentabilidade. Com simples gestos podem fazer diminuir a poluição e alterar os prejuízos por ela provocados no clima, parando, assim, as alterações climáticas! Ao fim da semana, devem entregar-me uma folha indicando tudo o que fizeram!

Inútil dizer que todos os meus colegas estavam aborrecidos comigo por eu ter dado à professora uma ideia de tarefa. Mas eu estava contente por realizar aquele trabalho, para poder fazer como o senhor do documentário que ajudava a melhorar o planeta. E era isso que eu ia fazer nessa semana: ajudar o mundo a ser melhor para nós todos, os seres humanos, os animais e as plantas, promovendo a sustentabilidade, e impedir as alterações climáticas.

Durante a minha semana de férias, fiz o máximo de ações possíveis para ajudar o planeta: lavei-me em 3 minutos, em vez dos 10 minutos habituais; abri todas as cortinas da casa, em vez de acender a luz; limpei todos os dias a minha rua, deitando no lixo todas as embalagens; triei os vidros, separando-os dos plásticos; em vez de ir de carro para a minha escola, passei a ir a pé com o meu pai; parei de comer biscoitos com óleo de palma para proteger as árvores; e parei mesmo de consultar o meu telemóvel sempre que chegava a casa! Mas ainda fiz mais ações! Também falei destes gestos no meu canal Youtube que criei para a ocasião. O meu objetivo era sensibilizar as pessoas para termos um futuro melhor. O meu canal funcionou e ganhei, em quatro dias, 2000 seguidores!

O melhor dia da minha vida foi quando a minha mãe recebeu uma chamada telefónica: acreditam que o produtor do documentário, que tinha visto na semana anterior com o meu pai, viu os conteúdos que publiquei no meu canal? Felicitou a minha mãe por ter sabido sensibilizar o seu filho (eu!) sobre o assunto. E, como se não bastasse, para me agradecer por ter sensibilizado as crianças da minha idade através do meu canal Youtube, convidou-me para fazer parte do seu próximo documentário.

Tive um 20/20 no meu trabalho, e a professora ficou impressionada quando ouviu falar do meu canal e do convite para o documentário. Ia ficar famoso, e todos os meus colegas o sabiam. Coitados, ficaram todos invejosos!

– Graças ao David, a partir de hoje, vamos viver num mundo melhor e sem poluição! – afirmou a professora, rindo-se.

Categoria: Juvenil-Adulto A1-A2

Autor: Rohan Franklin, Reino Unido

Um sonho

A faca afiada cortou fundo. Mais três e o coco se abriu. Uma mão enrugada colocou um canudo plástico dentro dele. Vitor deu cinco reais ao vendedor. Ele tirou suas havaianas e caminhou pela areia até um lugar na sombra debaixo do muro do mar, limpando o suor da testa enquanto bebia do coco gelado. Ele semicerrava os olhos, observando as pessoas nadando e conversando e os vendedores caminhando para cima e para baixo na praia, “*cerveza, agua, cerveza, agua*”. À sua esquerda estava o grande Farol da Barra de Salvador e, logo à frente, um grupo de crianças esperando na fila para pular e mergulhar das rochas.

Vitor tirou um maço de Marlboroughs do bolso do *short* e acendeu um, fumando ansiosamente enquanto olhava para seus pés fazendo formas na areia. Como era injusto eles o terem “dispensado” porque seu projeto era “não lucrativo”. “Desgraçados”, murmurou, enquanto jogava o cigarro fora e se levantava,

fazendo seu caminho em direção às escadas. Salvador era muito quente nesta hora do dia. Ele atravessou a rua, evitando as motocicletas e vendedores ambulantes, e virou à esquerda em uma pequena rua de paralelepípedos com antigas casas coloniais de cada lado, amarelas, azuis e rosa. Todas com grandes pilares que as sustentavam, desmoronando e descascando. Ele tropeçou em uma garrafa plástica, virou-se para chutá-la o mais forte que pôde em um dos montes de lixo. Treze anos trabalhando em sustentabilidade, realmente tentando fazer a diferença, e o que ele tinha alcançado? Nada. A poluição no Brasil estava piorando cada vez mais e aquele monte de lixo só ia crescer. Vitor olhou para cima quando o portão de ferro do Hostel Zulu se abriu, seguido por quatro rostos loiros jovens e alegres, rindo e conversando em francês. Todos provavelmente recém-saídos da escola ou da universidade, inocentes e despreocupados. Ele suspirou ao vê-los se afastarem.

O Hostel tinha um grande pátio com bancos e cadeiras de madeira. Grandes plantas em vasos cresciam de ambos os lados do bar, feito de uma pesada e escura laje de madeira baiana, e as quatro paredes amarelas e descascadas estavam cobertas por trepadeiras e cipós. Você se sentia como se estivesse em uma cidade velha e abandonada que em breve seria reivindicada pela selva novamente, e de certa forma era isso que acontecia.

“Posso ter uma cachaça e gelo, por favor.” “Obrigado”, murmurou Vitor, enquanto procurava um lugar para sentar. “Você vai beber sozinho?”, veio uma voz rouca. Vitor virou-se e viu uma figura escura fumando em uma mesa, quase envolvido

pela grande planta atrás dele. Ele hesitou enquanto observava o homem, de cerca de cinquenta anos, com desconfiança. Que diabos. Vitor foi devagar até à mesa do homem e sentou-se. Ele tinha cabelos grisalhos longos e bagunçados e sua pele era escura e bronzeada pelo sol, havia um brilho travesso em seus olhos e um ar jovial sobre ele. Ele parecia velho e jovem ao mesmo tempo. Seu nome era Yossarian e ele era originalmente da Alemanha; seu português era perfeito.

“Então, por que você está com essa cara de mau humor?”, perguntou o velho enquanto tomava sua cachaça. “Bem, eu acabei de ser demitido”, disse Vitor, um pouco surpreso com o homem, “E o mundo está indo pro buraco!”, ele acrescentou. Ele já havia bebido metade da cachaça e se arrependeu de ter sentado. Ele puxou um Marlborough e acendeu. O velho riu, “Bom, todos nós somos demitidos. Mas o que faz você dizer que o mundo está indo pro buraco. De onde estou sentado, só vai melhorar”.

“Melhorar! Você está falando sério?” disse Vitor, levantando as sobrancelhas. “Bem, não sei onde você está sentado, mas claramente você não se importa com este mundo, porque, se se importasse, veria que tudo está piorando. Muito pior. Você pode acreditar em mim, trabalhei treze anos no departamento de sustentabilidade de uma grande empresa em São Paulo apenas para ser dispensado porque minhas ideias não eram lucrativas o suficiente. Mostra o quanto eles realmente se importam. E agora que Bolsonaro está no poder, a Amazônia está sendo cortada duas vezes mais rápido e a poluição em todo o mundo está aumentando cada vez mais.”

“Bem, você parece realmente se importar com o planeta”, disse o velho. “Não é o planeta que me importa. Tenho certeza de que o planeta ficará bem. É a Humanidade que me importa. Provavelmente, vamos nos exterminar com nosso comportamento estúpido e míope. Mas o planeta e a natureza ficarão bem, tenho certeza de que se recuperarão, mas nós não vamos!”

“Então, o que você está planejando fazer a respeito?”

“Já tentei fazer algo a respeito”, disse Vitor, desesperado, levantando-se e apontando com seu cigarro, “e veja onde isso me levou, desempregado. E nenhum do trabalho árduo que eu coloquei realmente fez algo. Não aguento mais. Sabe o que vou fazer, vou conseguir um emprego na cidade. Vou trabalhar por dez anos e ganhar dinheiro suficiente para comprar uma ilha. Ha! Então vou viver lá em paz, vou cultivar minha própria comida e viver feliz para sempre até morrer ou ser varrido pelas elevações do nível do mar!”. Vitor sentou-se novamente, encarando desafiadoramente o velho com os braços cruzados. O velho sentou-se em silêncio por um tempo e sorriu suavemente, puxando lentamente seu cigarro enquanto a fumaça se enrolava para cima. “Bem”, disse ele, depois de um tempo, “acho isso bastante egoísta. Há muito que você ainda pode fazer pelo meio ambiente e pela Humanidade, como você disse. Se você realmente se importa com isso, é claro”. “Oh, é mesmo?” disse Vitor, sorrindo com as sobrancelhas levantadas. “Bem, Yossarian, o que você está fazendo a esse respeito?” Yossarian olhou para cima e pausou por um momento. “Sempre fiquei chocado com a falta de visão de todos em

relação ao meio ambiente. Eu, como você, costumava trabalhar no departamento ambiental de uma grande empresa, na Alemanha. Parece que temos muito em comum. Mas saí depois de apenas alguns anos, quando percebi que meu trabalho tinha pouco impacto positivo. A empresa se preocupava apenas com lucros e usava meu trabalho como *marketing* para atrair mais clientes. É claro que isso é apenas negócio, mas eu queria fazer uma diferença real, então eu saí.” Yossarian deu uma longa tragada em seu cigarro. “Percebi que, mesmo que as emissões de transporte fossem a zero, ainda estaríamos feridos a longo prazo. Para a Humanidade avançar sustentavelmente a longo prazo, teríamos que mudar completamente a maneira como vivemos. E a melhor maneira de persuadir alguém a fazer algo é começar fazendo você mesmo.”

“Fazendo o quê?”, perguntou Vitor, inclinando-se.

“Comprei alguns hectares de terra na Bahia que haviam sido desmatados anteriormente; a qualidade do solo era muito ruim. Passamos os últimos dez anos trabalhando com agrofloresta, replantando a floresta e depois cultivando os alimentos de maneira mais natural, usando a floresta como nosso jardim em vez de derrubá-la toda. Cultivamos frutas de todos os tipos, vegetais e cacau. Tudo cresce junto em um sistema, como seria naturalmente, não requer fertilizantes nem mesmo rega. E muitas das nossas culturas produzem mais por hectare do que os métodos de cultivo tradicionais. Se todos os alimentos fossem cultivados dessa forma, o meio ambiente beneficiaria enormemente. E a parte divertida é que todos vivemos juntos como uma comunidade. Eu, minha família e

muitos outros que decidiram se juntar e ajudar. Todos trabalhamos juntos na fazenda e festejamos juntos, fazemos nossa própria cachaça e tabaco.” “Eu gosto de cachaça”, sorriu Vitor. “Eu posso ver, essa é a sua terceira taça!”, riu Yossarian. “Colhemos tanto alimento que vendemos o excedente para as comunidades locais, e até temos nosso próprio restaurante com um *chef* alemão de primeira, que está indo muito bem.” “Bem, você é sortudo, isso parece uma maneira adorável de viver. Infelizmente, eu moro em São Paulo, a vida não poderia ser mais diferente”, disse Vitor. “Não, não poderia”, concordou Yossarian. “Mas é sua decisão viver lá, e certamente você poderia fazer muito mais pela Humanidade e pelo meio ambiente se vivesse em outro lugar e fizesse algo diferente. Você poderia vir e se juntar a mim. Você teria um impacto muito maior no mundo do que se ficasse em São Paulo.” “Obrigado pelo convite, parece incrível, adoraria, mas tenho uma casa em São Paulo”, disse Vitor. “Venda-a.” “Bem, todos os meus amigos e familiares moram lá.” Yossarian parecia desapontado em sua resposta. “Você nunca vai ajudar ninguém ou realizar nada se tiver medo de voar do ninho. O que é mais importante para você, sua casa aconchegante ou a destruição do meio ambiente e do planeta? Diga a seus amigos para virem e se juntarem. Eles se divertiriam muito mais morando na Bahia do que em São Paulo, confie em mim.” “Eles me chamariam de louco se eu deixasse tudo por que trabalhei tão duro para trás.” “E daí?”, disse Yossarian, balançando a cabeça. “As pessoas te chamarem de louco não te torna louco. Eu acho que qualquer homem

que não segue seu sonho, que não faz o que sabe ser certo, é louco.” Vitor terminou sua cachaça. “Eu suponho que você está certo”, disse timidamente, enquanto olhava para o chão, sem saber o que mais dizer. Yossarian terminou sua bebida em um grande gole e levantou-se. “Bem, eu vou indo”, anunciou. “O cacau precisa ser podado, e eu não gosto de beber com covardes. Boa sorte em São Paulo”, e ele saiu pela porta.

Vitor ficou em silêncio enquanto o portão de metal se fechava com estrondo. Ele sentiu como se o tempo tivesse parado, não sabia o que fazer. Sua perna estava batendo e seus punhos estavam fechados. Quem era aquele homem para chamá-lo de covarde? O velho não tinha apenas perturbado sua tarde, ele tinha perturbado tudo, a maneira como ele pensava sobre tudo. Ele tentou tirar isso de sua mente, mas não conseguiu. Ele pensou na vida em São Paulo, sua mente escureceu e seu estômago se contraiu. Ele olhou pelo portão e pensou em cacau, mangas, cachaça e árvores e árvores. Agora ele estava com raiva de si mesmo. Ele se sentia mais fraco e miserável a cada segundo que passava. O velho estava certo, ele estava sendo um covarde. Enquanto olhava para o portão, sentiu algo crescendo dentro dele, algo em seu estômago, seu peito e seu coração. Ele se levantou, mas não era ele. Algo o fez levantar, respirando pesadamente. A próxima coisa que ele soube foi que estava correndo, correndo pelo portão e para fora na rua. Ele correu e correu, e correu. À sua frente estava a figura escura do velho. Ele começou a rir enquanto corria. Quanto mais rápido ele corria, mais ria.

“Espere! Espere!”, ele gritou, rindo e sorrindo histérico.

“Estou chegando! Estou chegando!”

Categoria: Juvenil-Adulto A1-A2

Autora: Mihaela Dorbic, Croácia

Quatro amigos

Era uma vez, no ano de 2023, um grupo de crianças que escreviam cartas umas às outras.

O primeiro amigo era da Islândia e o seu nome era Odin. O Odin morava numa pequena vila islandesa com os seus pais, o seu irmão e duas irmãs. Nas suas cartas, o Odin costumava contar aos seus amigos como a paisagem islandesa é linda e enviava fotos de animais locais. Gostava de pescar com o pai e cozinhar com a mãe. Mas havia uma coisa que o incomodava... Quando ele estava a pescar com o seu pai, ele percebeu que metade do gelo havia quase desaparecido, e escreveu sobre isso aos seus amigos. Uma vez, enquanto escrevia, viu um grande pedaço de gelo cair no oceano. Ele estava com muito medo, pois não sabia o que estava a acontecer.

O segundo amigo era o Dakarai, um menino de uma aldeia na África. Ele morava numa casinha com toda a família, que era bem grande, e não tinha muito espaço, mas ele era feliz.

A sua rotina diária consistia, principalmente, em cuidar das ovelhas da família, dando-lhes comida e levando-as ao rio próximo para beber. Mas um dia, quando ele estava levando as ovelhas para o rio, ele não o conseguiu encontrar. O rio foi-se! O Dakarai tinha a certeza de que aquele era o local onde ficava o rio, não podia estar enganado. “Porque o rio acabou?”, ele perguntou-se. O Dakarai estava muito confuso, mas principalmente preocupado – as suas ovelhas não tinham nada para beber!

A terceira amiga era a Suzume, uma japonesa de uma pequena cidade do Japão. Ao contrário dos dois meninos, a Suzume estudava na cidade vizinha. Lá ela aprendeu apenas o básico, nada avançado. Ela caminhava para a escola com as amigas todos os dias, mas, em dias de chuva, ela ia de autocarro. Um dia, estava a chover tanto que os seus sapatos se estragaram. Isso continuou durante toda a semana, e a Suzume não pôde ir à escola. E na semana seguinte, e na seguinte, a Suzume e as suas amigas não foram à escola por causa da chuva e das enchentes. A Suzume constantemente se perguntava, porque estava a chover tanto, porque é que ela não podia sair e ir para a escola.

A quarta e última amiga era a Beatriz, uma portuguesa do centro de Lisboa. As suas disciplinas preferidas na escola eram Ciências e Geografia, por isso ela sabia muito sobre os problemas que os seus amigos estavam a enfrentar. Nas suas cartas, ela contou aos amigos sobre o aquecimento global. Ela escreveu para o Odin, o Dakarai e a Suzume que o gelo estava a derreter, os rios estavam a secar e as chuvas estavam a cair por

causa do aquecimento global. Os seus amigos ficaram muito interessados no assunto e queriam saber o que fazer para evitá-lo. A Beatriz disse a todos que o aquecimento global estava a acontecer porque as pessoas estavam a derrubar muitas árvores, havia muito fumo nas fábricas e muito desperdício na Natureza. As três crianças imediatamente começaram a pensar em como salvar as coisas de que gostavam. Elas enviaram as suas ideias para a Beatriz, para ela as integrar numa apresentação que fez na sua escola.

E assim, as três crianças ao redor do mundo, decidiram lutar pelo que amavam e consciencializar os outros sobre o aquecimento global.

Categoria: Juvenil-Adulto B1-B2

Autor: Guillermo Moisés Palanco Puga, Espanha

Um dia chuvoso em Tomar

Eu tinha vindo de Viseu para passar alguns dias na casa que o meu avô Ricardo tem em Tomar. Nos meus catorze anos de vida, nunca tinha estado naquela casa. O meu pai mal me tinha falado do meu avô, com quem ele mantinha uma relação muito afastada. Mas eu queria saber mais sobre ele. Queria ter a minha própria opinião sobre este estranho de quem tinha ouvido dizer coisas que não favoreciam propriamente a sua imagem. Além disso, nunca tinha estado em Tomar nem, conseqüentemente, na Festa dos Tabuleiros.

O pessoal da minha idade gosta de festas. Vivemos o presente, descontraídos. Insistimos em desfrutar do tempo. Noutros momentos, porém, desperdiçamo-lo. Pensamos que temos tanto que não nos importamos de o desperdiçar. Vivemos como se fôssemos ricos.

No dia seguinte, depois da festa, levantei-me tarde. Estava cansado. Além disso, nós, os que temos catorze anos, só nos levantamos cedo no intuito de irmos para a escola, para nos aborrecermos. Não temos pressa. Eu já disse que somos ricos no que diz respeito a tempo. Só os mais velhos parecem obcecados com os dias.

O meu avô é muito velho. Tem oitenta, talvez noventa anos de idade. Como disse, não nos conhecemos muito bem e, embora tenha pensado nisso desde que cheguei a Tomar, ainda não me atrevi a perguntar-lhe pela sua idade.

Quando acordei, o dia estava chuvoso. Embora na véspera tivéssemos combinado passear pelo Convento de Cristo, não me pareceu boa ideia deixar o conforto da casa para ficarmos encharcados. Por isso, ficámos dentro. O meu avô acendeu a lareira e sentou-se em frente, numa rede de descanso. O gelo que se tinha formado entre nós devido à falta de contacto ao longo dos anos deveria finalmente derreter ao calor da lareira.

Depois, começou a falar. Dizem que os avós gostam de contar histórias do passado.

- Tu ainda és muito jovem, Nuno, mas os que são muito velhos, como eu, lembram-se do que o ducado de Bragança significou para o nosso país. Aconteceram muitas coisas desde aquela época.

Ele olhou em direção à janela. Fixou o seu olhar na chuva por um instante; a água escorria pelo vidro. Eu ateimei em manter o silêncio. Nem sequer aproveitei a oportunidade para lhe perguntar pela sua idade...

– No dia 5 de outubro de 1910 foi proclamada a República em Portugal. O povo festejou o acontecimento tal como são festejados os grandes eventos. Estavam cansados dos reis que tínhamos tido, que eram os duques de Bragança. Estavam tão fartos que o povo assassinou os últimos.

Finalmente, deixei-me levar pela curiosidade e decidi intervir.

– Assassinados? – disse eu.

– É isso mesmo – disse o meu avô. Que triste destino o de Carlos I e o do seu herdeiro Luís Filipe!

– Nunca tinha ouvido falar deles. Houve reis em Portugal? Pensei que cá só tinha havido presidentes da República. E também não sabia que temos presidentes desde 1930.

– Não, Nuno, desde 1910. Nesse ano assinalou-se o fim dos reis e o início dos presidentes.

Esta mudança fez com que os membros da dinastia de Bragança tivessem de se exilar no estrangeiro. Mais tarde, acho que em 1950, se a memória não me falha, foi-lhes permitido regressar a Portugal.

– Não sabia nada sobre isso, avô. Fico contente por me teres contado... – disse eu, agradecido.

– Nós, os idosos, só conservamos a memória. Apegamo-nos a ela porque nos faz sentir vivos e porque sabemos que, mais cedo ou mais tarde, corremos o risco de a perder.

– Nós, pelo contrário, só pensamos no futuro – respondi eu. Pensamos naquilo que gostaríamos de fazer quando tivermos idade suficiente para nos desenrascarmos sozinhos...

- Os povos não podem perder a memória... Todos têm a sua. Eu tenho a minha. E nós, portugueses, como comunidade, devemos ter a nossa... Sem ela, perdemos a nossa identidade...

- E qual é a minha memória, avô? É a que tenho de ter para não esquecer o que estudo nos livros, dando assim as respostas certas nos exames?

- Não, Nuno. Essa é apenas uma regra importante para ter sucesso na escola. Do meu ponto de vista, isso nem sequer é educação. A educação é mais qualquer coisa. É saber quem somos e de onde viemos. É também ter consciência do que nos torna portugueses; somo-lo porque nascemos e fomos criados neste belo país, mas também por termos vivenciado experiências comuns, boas e más... Para isso é preciso saber, entre outras coisas, desde quando temos República e o que aconteceu com o ducado de Bragança...

- Mas, avô, nem sequer vivemos até aos cem anos. Como nos vamos lembrar das coisas que acabou de me dizer?

- Eu, embora seja muito velho, também ainda não tenho cem anos. Mas também não é preciso chegar a essa idade para termos conhecimento da nossa História e para a conservarmos na memória...

- E como é que fazes isso, avô? - perguntei eu, curioso.

- Como quase qualquer coisa nesta vida, consegue-se coletivamente. Através do estudo da nossa História, que é onde está o nosso futuro. Sabes o que aconteceu ainda não há muito tempo, há apenas umas poucas dúzias de anos, na Alemanha, com os judeus?

- Sim, já vi em filmes americanos. Mas eu prefiro os do faroeste. Na verdade, neste tipo de filmes há sempre um confronto entre os bons e os maus.

- E tu achas que, mesmo sendo o que toda a gente quer, o mundo atual já aprendeu o suficiente para dizer que é muito melhor do que era no passado?

- Continua a haver guerras e continuam a acontecer coisas más que já se deram no passado... Mas não sei dizer porquê.

- Eu sei porquê, Nuno. Mas não sei se devo revelar-te a resposta.

- É claro que que sim, avô. Diga-ma, por favor.

O lume estava a esmorecer. O meu avô levantou-se da rede e, com alguma dificuldade, pegou em mais alguma lenha e colocou-a na lareira. Passado algum tempo, o lume reavivou. Voltei a sentir o calor aconchegante que nos envolvia.

- Porque a memória de um povo, como esta lareira, deve ser reavivada, para que não se apague. Só assim será possível preservarmos o calor das nossas experiências coletivas, que é o que nos irá guiar ao longo das nossas vidas. Para isso, temos de ir às fontes, extraindo delas a lenha necessária para que a nossa memória como povo nunca esmoreça. E pode ser a memória que dura cem anos ou a que dura mais tempo. É tudo a mesma coisa.

Quando me despedi do meu avô no dia seguinte para regressar a Viseu, dei-lhe um abraço apertado. Prometi visitá-lo mais vezes. Não lhe confessei o meu agradecimento por me ter dado a oportunidade de o conhecer melhor.

Mais tarde, quando questionei o meu pai relativamente ao motivo pelo qual tinha tido tão pouco contacto com o seu próprio pai, ele respondeu-me que era por causa de uma coisa que tinha acontecido no passado. Perguntei-lhe o que era. Ele ficou calado. Vi-o a esforçar-se para recordar. Finalmente reconheceu que, na verdade, não conseguia lembrar-se do porquê.

Categoria: Juvenil-Adulto C1-C2

Autora: Ada Bertelsen Román, Espanha

Crónica do colóquio entre um camaleão (chamado alma) e uma mantis-religiosa (chamada corpo) sucedido há pouco pela publicação dum livro. Moderou o colóquio uma pedra

Digo-vos que assim foi, e mesmo assim não me crerão. Jornalista toupeira, que diz que viu? Bem, eu direi, para começar, que uma pedra moderou o colóquio. Nunca se viu pedra mais humilde. Desde o campo, onde durante anos em silêncio repousara, tiveram de a trazer às costas. Depois, largaram-na na furgoneta e levaram-na por terras e mares. Viajaram-na, como um legume, e depositaram-na entre Alma e Corpo. Puseram-lhe um microfone, naturalmente.

Como fala uma pedra? Sabe-se, mas não se acredita o suficiente: a linguagem das pedras é a queda. Dois abutres, contratados para o efeito, com força-burra alçaram a pedra e deixaram-na cair. Disse assim a queda:

- Acho que a alma humana não precisa de introitos. Corpo, que anda por aqui também, dialogará com Alma. Que se pode dizer de Corpo? É movimento que não se pode mover e é quietude que não pode ficar quieta: é a escrita endémica da fome e da sede, é a imaginação da matéria. É luto, é a grande Geração do mundo...

E é aqui que à pedra lhe faltou o alento. As suas sílabas eram quase mudas. Fremiam.

Os abutres aperceberam-se e tornaram a precipitá-la. Cada queda, como uma idade lenta, rompia-a, dispersava-a, fazia-a desaparecer.

- Geração do mundo, dizia, porém... Estamos hoje aqui para falar do seu novo livro.

Alma escreveu, agora Corpo traduz. Obrigada aos dois pela vossa presença. Falem-nos do vosso processo de colaboração. Como surgiu este livro?

Com tudo isto, ninguém apresentava o livro. Era coisa de espanto, não havia livro algum naquela livraria. O primeiro a falar foi Alma. Direi de Alma que tudo abraçava. Com os seus olhos saídos e ansiosos, como famintos de ar, movendo-se de um lado para o outro. Mas não só se moviam, os seus olhos cantarolavam. E as cores, as cores! Trazia com ele um verdadeiro Carnaval camaleónico. Disse ele:

- Bem, isto começou há muitos anos. Como dizes, eu escrevi um livro. Sucede que a língua em que o escrevi já não é lida. As línguas morrem: eu penso com os mortos e falo com os vivos. Contudo, o livro foi, no seu momento, um êxito de vendas. A minha editora, a Cultura, recomendou-me reeditá-lo numa “língua moderna”. Se não era em inglês, pelo menos, pelo menos em espanhol ou em português. Eu ofereci-me voluntariamente para o traduzir. Eu sei idiomas. Eu sei como se costuma falar agora. Porém, a editora foi inapelável: eu não o podia traduzir - a minha linguagem já não atrai, está antiquada; recomendou-me Corpo como tradutora. Tudo isto é lamentável. Protesto contra o que se está a passar. Este livro é a expressão duma lastimosa dualidade. Pedra, tu dizes que é um processo de colaboração, mas é o maior cisma da História do Ocidente.

- És pedante, Alma. És um epíteto andante.

- E tu és estéril, por isso traduzes.

A pedra interrompeu:

- Questão: onde está o livro?

Por um momento, tanto Corpo como Alma entraram num silêncio de cortar à faca.

Logo, acesos, ansiosos, procuraram o livro, rebuscaram, com inquietude. Imagina a situação, leitor: eram meros garimpeiros do ar, com desassossego de rio. Ó portentoso livro, nunca visto, nunca lido! Detiveram-se, e voltaram a ficar em silêncio. Avançou Alma: - Não temos aqui exemplares do livro. Não o podemos mostrar. Mas, como costume dizer, carestia é caridade.

Reparem nisto: nós somos generosos.

A pedra pediu a palavra. Lançaram-na os abutres. Começou:

- Trinta e cinco por cento das árvores cortadas destinam-se ao fabrico do papel. Há uns meses, no verão passado, ardeu de novo o Amazonas. A fumaça viu-se desde o espaço. Isto ocorre todos os verões, cada vez com maior e maior crueldade. O ar apodrece, a temperatura aumenta, e a escassez de matéria-prima...

Alma e Corpo não pareciam ouvir. Eles continuavam a sua luta eterna:

- Ai, Corpo, pequenina! Tu és habitável? Quer dizer, não és inóspita? Olho-te, e acho-te vazia de repetições.

- Enganas-te. A repetição é a coisa menos repetitiva que existe. A repetição é libertadora, sempre diferente, uma releitura do já feito. O sentido da história é a criação da ficção da cópia e da simetria. Como se a história fosse uma boca a mastigar eternamente um bife duro de roer. Mas isso é um erro: o tempo é sabor.

- Bem, até quando será sustentável a repetição? Se eu não crio o novo, achas que sobreviveremos? Se a vida não ficar mais nova, cada dia, pode-se falar de futuro?

- O novo não é a condição do futuro, mas sim da sua impossibilidade. Alma, a condição da nossa sobrevivência é uma visão rigorosa da realidade: e se devemos imaginar o que vemos, porque é impossível ver com nitidez... imaginemos, mas poeticamente. E eu tenho-me dedicado a ver, atentamente. Eu vejo a raiz dos nossos males: os grandes números, os fabulosos algarismos. Acho que tudo entrou em decadência quando deixamos de contar com o corpo.

- Contigo.

- Sim. O corpo impõe limites. Deu-me a Natureza seis patas, dois olhos, duas antenas, quatro asas que posso abrir e fechar. Podemos aprender a somar até quanto? Não até cem, isso é certo. O meu ser inclui o número dez e o seis, como um ser em círculo. A economia, à imagem e semelhança de quem está? Não de mim nem de ti. Serei eu milípede, para estar a contar de mil em mil, com exponencial raiva? O bilhão é número de monstros e de imortais.

- Bah, e esta Natureza a que aludes? Onde está? Tenho ouvido falar dela, mas digo

“Natureza” e por quem pergunto? Pergunto ou interrogo? Mantenho que o único realismo possível é o económico. A economia é realista. É o realismo do desejo.

- Natureza era o meu esposo. Em paz descanse. - Corpo calou-se. Era verdade que ela, Corpo, vestia um majestoso luto. Tardou a continuar, embargada por uma tristeza enorme, e então perguntou: - E o que é o economicamente realista, diz-me tu, que tanto sabes?

O que é que desejamos?

- A vida, a morte, a vida.

A pedra agonizava: - Questão: o que foi que fez Corpo com Natureza? Tragam um espelho, e que Corpo se veja nele.

Alma trouxe um espelho. Ria-se às gargalhadas: - Não me esqueço do que fizeste com Natureza. Não sou ingénuo. Pobrezinha, pobrezinha viúva! Olha para o teu marido! - Pôs-lhe o espelho diante. - Estás banhada em sangue. Desfrutaste? Um sacrilégio destes exige uma némesis à altura. Isto vem desde as fontes da Antiguidade.

Corpo olhou-se e tremeu: – Reconheço-me: eu fui a fome. Fui a vital fome, a engendrada fome. Olha-me, estou grávida. Condenarias os meus filhos? Eles não têm culpa.

Deu-lhe tempo para chorar? O que se seguiu foi terrivelmente rápido. Julgou Alma: – A culpa não fica sem herança. A tua linhagem termina contigo.

Alma abriu a boca, fatalmente. A língua, súbita e larga como a de uma serpente, agarrou-se a Corpo. Apertou-a para ele. Corpo resistiu alguns segundos, mas terminou por se render. Carnívora Alma! O lado de cá do espelho desaparecia. Alma mastigava Corpo, com parcimónia e tédio. De repente, uma pata mexia-se. A pele de Alma tornava-se verde ou cor de sangue, ou cor de...

A pedra já não perguntou mais. Era muito pouca coisa. Lançaram-na desde o teto. Eu ouvia fragmentos. Queda silenciosa sucedeu a queda silenciosa. A badalada dos fragmentos anunciava o novo dia.

Disse, finalmente, Alma, empanzinado: – As Ideias não existem. Eu somos um. A justiça é concreta.

Categoria: Juvenil-Adulto C1-C2

Autora: Maria Martínez Torrado, França

Os contos de uma cadeira de família

Desde a minha primeira memória, a cadeira estava lá; erigida no canto da sala de estar da casa dos meus avós, sobre a tijoleira de barro onde dei os meus primeiros passos, onde aprendi a ler, onde eu cresci. A cadeira sempre lá estivera, era uma cadeira de balouço, uma daquelas onde os velhinhos gostam de descansar. Ela era elegante, esbelta com os seus braços curvados e longos que desciam ao encontro das suas pernas cilíndricas e robustas, que por sua vez se uniam com perfeição absoluta aos pés arredondados como duas luas em quarto minguante. A cadeira era feita de madeira de carvalho, disse-me um dia a minha tia Maria Clotilde, aquela madeira escura era repleta de pequenas veias esguias que circulavam entre os diferentes membros que a constituíam. “Mas porque me fascinava tanto aquela cadeira?”, pensava eu para comigo.

Até que um dia percebi quão especial a cadeira era. Ela representava a história do nosso povo, o povo português.

As veias escuras que serpenteavam na matéria mais clara da madeira representavam, sem dúvida, as infernais e exaustivas caminhadas que os emigrantes percorriam dias a fio, na esperança de um futuro melhor. A força, a esperança e a motivação sem limites de uma busca cega por um dia melhor impressionavam-me. Andar, andar, andar sem parar, para um dia “oxalá!” ter de saciar a fome. Pois tudo nessa época e naquelas condições era incerto.

Durante muitos anos, a minha bisavó Dionísia balançara-se naquela cadeira. Para a frente e para trás, para a frente e para trás... aquela valsa quotidiana e repetitiva nunca pararia enquanto a velhota ali estivesse. Aquele fundo sonoro não ficara apenas gravado na minha mente, mas na mente de todos os portugueses que viram aqueles jovens que representaram Portugal na Primeira Guerra Mundial. Era fascinante como aquele rangido de balanço de cadeira se confundia com o som dos últimos suspiros e gritos de dor daqueles jovens. Jovens mal preparados e medrosos, que abandonaram o lar pela primeira vez, e muitos nunca voltaram. Deixando para trás as suas queridas famílias, primeiros amores, alguns passageiros, promessas quebradas e desejos que nunca se concretizaram. Jovens, adolescentes, alguns ainda crianças, marchavam em direção ao sofrimento, à morte, num caminhar monótono e cansativo. Os seus braços tremiam com o peso de uma arma, uma arma para se protegerem, uma arma para matar, uma arma para honrar o seu país... Perante tal responsabilidade, os braços tremiam. Enfim, a parte

central da cadeira, as costas e o assento repletos de verga, estes cruzavam-se e descruzavam-se em todas as direções. Aqueles cruzamentos – linhas paralelas e algumas perpendiculares – davam funcionalidade à cadeira, utilidade. Os cruzamentos permitiam-lhe cumprir o seu dever, aquilo para que fora fabricada, permitir a uma alma repousar nela. A verga completava a cadeira, tornava-a acabada, com personalidade. Tal como a União Europeia fez com Portugal. Um país com personalidade, potencial e estrutura. Graças à União Europeia e à sua ajuda financeira, estradas foram construídas assim como estruturas essenciais. Portugal, o país europeu mais a sul, voltado para o oceano Atlântico, abriu os seus horizontes em 1986. Os outros países finalmente viram com olhos de ver o nosso país. Um espaço diferente de todos os outros e com muito para oferecer.

Contudo, o meu elemento preferido da cadeira, que muitos afirmam não lhe pertencer, era a manta branca, a manta, apesar da sua longa existência, permanecia branca como a cal. A paz que me oferecia, o calor, o conforto. A manta teria, possivelmente, mais de oitenta anos; fora tricotada pela mão da mãe do meu tetravô Albano. Ela tricotara a manta no último dia da sua vida, a 11 de novembro, Dia de São Martinho. Talvez se explique o seu conforto, o seu aconchego à sensação que tivera ao devorar as suas últimas castanhas assadas embrulhadas em papel de jornal.

Para mim, a cadeira era mais do que uma antiga cadeira de balouço na casa dos meus avós, gasta pelo o seu uso constante. A cadeira representava a paz, a nostalgia, o sofrimento de uma nação: a nação portuguesa.

